



PERCEPÇÃO E PERSPECTIVA DOS ALUNOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A (DES) MOTIVAÇÃO PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Gislane Ribeiro Carvalho¹ (PG)

Universidade Estadual de Goiás – Campus Campos Belos

Resumo: A motivação é extremamente importante, pois nos diferentes momentos da nossa trajetória temos motivações diferentes, que nos levam a adotar determinadas atitudes ou não, a iniciar determinadas atividades, continuar ou parar. A escola é um ambiente onde o aluno passa boa parte do tempo. Local onde precisam se dedicar ao estudo, cumprir tarefas, respeitar regras e se movimentar para o processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, vale questionar sobre a motivação do aluno para estar a escola todos os dias. Em busca de respostas a essa indagação, no projetamos a pesquisar os fatores que têm interferido na motivação interna e externa dos estudantes, que interfere tanto na permanência do indivíduo na escola, quanto na progressão dos estudos. Utilizamos como fundamentação teórica, Brasil (1996), Lourenço (2010), Nunes (2011). De acordo com a análise dos dados coletados no decorrer da pesquisa, dentre os fatores motivadores podemos elencar aqueles que envolvem aspectos referentes à vida familiar, condição socioeconômicas e ao modo como o processo de ensino-aprendizagem é concebido, bem como as condições em que é oferecido

Palavras-chave: Motivação. Escola. Aprender. Atratividade. Mercado de Trabalho.

Introdução

Por qual motivo fazemos uma coisa ou outra? Por que decidimos por este ou aquele caminho? Existe um porquê agimos em diversas situações de nossas vidas. As decisões são impulsionadas por motivo internos ou externos. Fazemos algo porque temos que fazer, por algum motivo. Seja ele prazeroso, obrigatório, necessário. A motivação não está ligada apenas ao que fazemos com alegria, mas também se relaciona ao motivo. Podemos estar em um trabalho que não gostamos, mas a necessidade do salário por exemplo, é um motivo para trabalhar. Há um fator motivante.

Motivação é um elemento que funciona como energia que gera movimento, que faz as coisas acontecerem. Em nossas ações cotidianas nos movimentamos estimulados por algum fator. Existe sempre um motivo que nos faz agir de um modo ou de outro. Adotar ou abandonar uma atitude. E, no contexto escolar não seria diferente, o aluno precisa de motivações, e de acordo com Nunes e Silveira (2011, p.

¹E-mail: gislane.rc.carvalho@gmail.com



192) é preciso seja em nível médio, porque se for muito baixa não impelirá o aluno a buscar a aprender, e se for muito alta poderá trazer consequências negativas como ansiedade cansaço. Ainda é acrescentado que não podemos esperar que os alunos estarão sempre motivados para todas as atividades, é importante lembrar que sempre existem aquelas disciplinas que o aluno se identifica mais, e outras menos.

Para realização deste trabalho realizamos uma pesquisa bibliográfica que nos norteou tanto para a fundamentação teórica quanto acerca de quais perguntas seriam integradas ao questionário que os alunos responderiam, para que então fossem coletados os dados, e realizada a análise dos mesmos.

Segundo Bogdan e Biklen (1994)

Tornar-se um bom investigador qualitativo é, em parte, aprender esta perspectiva; os detalhes específicos são pistas úteis para a compreensão do mundo dos sujeitos. A investigação qualitativa envolve pegar nos objectos e acontecimentos e levá-los ao instrumento sensível da sua mente de modo a discernir o seu valor como dados. Significa aperceber-se da razão por que os objectos foram produzidos e como isso afecta a sua forma bem como a informação potencial daquilo que está a estudar. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 200)

Nessa perspectiva, compreendendo a pesquisa qualitativa como meio de compreender o mundo dos sujeitos o qual nos inserimos, elaboramos um questionário que segundo Gil (1999) tem como objetivo “o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, 1999, p.129)

O sujeito da pesquisa foram os alunos das turmas de 5º ano, 9º ano do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio, um total de 50 alunos, com idade entre 10 e 16 anos, todos do turno matutino. A direção da escola foi consultada, e informada sobre a relevância da pesquisa, e assim concedida a autorização para que no dia 07 de agosto de 2018, esses alunos respondessem a um questionário contendo 13 questões, para que a partir dos resultados pudéssemos analisar diversos fatores que interferem na motivação dos nossos alunos.

O que nos instigou a realizar a pesquisa nestas séries foi o fato delas serem tão visadas pelas avaliações externas, pois a partir dos resultados das provas externas que são aplicadas a esses alunos é que se mede o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), e por este motivo são séries extremamente visadas. Nessa perspectiva, vale refletir sobre a percepção dos



alunos, o contexto escolar e seus sujeitos e a motivação que esses alunos tem para prosseguir nos estudos.

Resultados e Discussão

1. Motivação para a aprendizagem

Para nos inteirmos acerca do conceito da palavra motivação, convém que analisemos sua etimologia, de acordo com Nunes e Silveira (2011, p. 190, grifo do autor) “oriunda do verbo latino *movere*, que derivou nosso termo, semanticamente aproximado, “motivo”. Genericamente, a motivação é aquilo que move uma pessoa, aquilo que a põe em ação ou a faz mudar de curso.” Dessa forma com base na origem da palavra podemos entender que motivação é aquilo que nos move, aquilo que nos impele a aderir determinadas atitudes, ao invés de outras, o que de acordo com Coom (1999, apud NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 190) será aquilo que nos impulsionará a iniciar algo e que guiará nossos atos.

Para Pozo (2002, apud NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 190) há a motivação extrínseca:

[...] uma situação em que o motivo para obter algo é externo ao indivíduo. No caso da escola, a motivação está fora do sujeito que aprende; são as consequências do aprender e não a própria atividade em si que movem a pessoa em direção à aprendizagem. Trata-se de conseguir algo desejado ou evitar algo indesejado em troca daquilo que se quer obter ou aprender. Esse processo, por parte do sujeito, pode estar relacionado com recompensas externas e sociais, necessidade de reconhecimento, resposta às demandas e pressões externas, desejo de obter sucesso, êxito, competências e habilidades.

Contudo Pozo (2002, apud NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 190) ainda nos afirma que há a motivação intrínseca, que no caso seria a mais adequada, porquanto o indivíduo estuda para obter mais conhecimento e crescimento pessoal, dessa forma age de forma independente para alcançar seus objetivos, Conforme Alcará e Guimarães (2007, apud LOURENÇO; PAIVA, 2010, p. 2)

No contexto educacional a motivação dos alunos é um importante desafio com que nos devemos confrontar, pois tem implicações directas na qualidade do envolvimento do aluno com o processo de ensino e aprendizagem. O aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, evidenciando envolvimento com o processo de



aprendizagem, participa nas tarefas com entusiasmo e revela disposição para novos desafios.

Muito se discute acerca do papel da escola na construção crítica do aluno, bem como a função de instigar esse aluno a atuar efetivamente na sociedade. Mas nos convém levantar questionamentos quanto a elementos externos e internos que interferem nessa “construção” do aluno.

De acordo com Oliveira (2008, p. 39) durante muitas décadas a formação do aluno era vista apenas como meio de formar mão-de-obra trabalhadora, a fim de que esse aluno ao concluir o ensino básico estivesse apto a ser inserido no mercado de trabalho, e assim, proporcionaria o devido retorno econômico para os investidores nacionais (diversas esferas do governo) e internacionais (bancos) que investem seu capital na educação. E como resultado dessa esfera ideológica capitalista, o indivíduo acaba sendo encarado como uma “mercadoria”, e presenciamos então o que alguns literatos chamam de “coisificação” do homem, ou seja, o homem sendo tratado como um objeto, e a escola como um fábrica.

O sistema educacional brasileiro desde que foi instituído sofre constantes modificações, a Lei de Diretrizes e Bases de 20 de novembro de 1996 nos diz no Art. 2º que apresenta como finalidade da educação “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1996, p. 08). Mas, o que podemos perceber na LDB de 1996 e nas anteriores é que há um forte apelo tecnicista, ou seja, está extremamente voltada para a formação de mão-de-obra trabalhadora, mesmo que se fale na formação integral do aluno.

Principalmente os alunos de 5º ano, 9º ano e 3ª série sofrem constante pressão devido as avaliações externas que são aplicadas, e percebemos um enfoque muito grande nessa questão, e acaba se transmitindo aos alunos a ideia de que o importante é a nota que apresentará como resultado convém-nos refletir até onde esse fator interfere na motivação de nossos alunos. Será que nossos alunos estão estudando para sua formação integral? Para serem bons cidadãos? Ou para conseguirem ser inseridos no mercado de trabalho? Afinal, o que os move? Para Tapia e Fita (2000, apud NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 194) existem muitos elementos que vão interferir na conexão entre motivação e aprendizagem: sejam em âmbito familiar; social; econômico; cultural; seja na forma como o professor mediará este



processo pedagógico instigando o aluno a ter interesse, a questionar, e a buscar sempre mais, é o que sem dúvidas sustentará o ambiente como motivador.

2. Contexto e sujeitos da pesquisa

Segundo dados do IBGE (2017) o município de Lavandeira foi criado em 19 de dezembro de 1995, está localizado na região norte do nosso país, mais especificamente no estado do Tocantins, e possui cerca de 1.865 habitantes. Com um contexto tipicamente interiorano, não goza de muitos recursos financeiros. As instituições educacionais que a cidade conta são: uma creche municipal e uma escola municipal, que ocupam o mesmo prédio; e um colégio.

A presente pesquisa foi realizada neste colégio que é intitulado Colégio Estadual Lavandeira, possui 253 alunos, e dispõe 13 turmas regulares (do 5º ano do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio), o colégio funciona nos turnos matutino e vespertino. O espaço físico da instituição conta com: dez salas de aula; uma biblioteca que não possui funcionário específico para auxiliar os alunos; um laboratório de informática que não está em uso por problemas técnicos; secretaria; sala dos professores; sala da coordenação pedagógica; sala da orientação pedagógica; sala da direção; cantina; banheiros; pátio e quadra de esportes.

As turmas entrevistadas foram o 5º e 9º ano do ensino fundamental e a 3ª série do ensino médio, todas essas turmas do turno matutino, somando um total de 50 alunos, que possuem idade entre 10 e 16 anos. Segundo os dados coletados 86% dos alunos residem em zona urbana, e 14% em zona rural.

Segundo a pesquisa realizada 56% dos alunos entrevistados moram com quatro ou mais pessoas. Um dado digno de atenção, visto que maior parte da população é bem carente, pois o que movimenta a economia da cidade são tímidas atividades rurais e contratos disponibilizados pela prefeitura, e estado. Como é de se esperar não são suficientes para atender a demanda, dessa forma muitas pessoas ficam desempregadas, e para seu sustento contam apenas com ajuda do benefício social Bolsa Família, que sabemos que não é o suficiente para que uma família com quatro ou mais pessoas vivam dignamente.

O segundo semestre do ano letivo de 2018 iniciou-se no Tocantins dia 02 de agosto, e conforme relato de professores, muitos alunos não frequentaram a



primeira semana de aula pelo fato dos pais não terem comprado o material escolar. Algo gritante, que demonstra a carência financeira de muitos alunos.

Ao serem questionados sobre a profissão dos pais, as mais citadas para a mãe foram: lavradora, professora e empregada doméstica. E para o pai a mais citada foi lavrador.

Quanto ao nível de escolaridade das mães: 50% possuem ensino fundamental completo ou incompleto; 13% ensino médio incompleto; 17% ensino médio completo e 26% ensino superior. Quanto ao nível de escolaridade dos pais: 2,22% analfabetos; 48% ensino fundamental completo ou incompleto; 6,66% ensino médio incompleto; 28% ensino médio completo e 8,88% ensino superior.

Quando perguntado se havia alguém na família que havia feito um curso superior, 50% disseram que sim, e 50% que não. Com base nos dados podemos concluir que maior parte da população da cidade possui baixo nível de escolaridade, algo que interfere diretamente na vida estudantil dos alunos, pois de acordo com Nunes e Silveira (2011) “Os elementos do contexto, que intervêm na relação entre a motivação e a aprendizagem, estão ligados à família, as condições sociais, econômicas e culturais dos alunos [...]”. Quando indagamos quê profissão eles pretendiam seguir, 10% não opinaram, 12% citaram profissões que não necessitavam curso superior específico, e 78% citaram profissões que requerem nível superior. Dentre elas as mais citadas foram medicina veterinária, por 12 alunos; na área de Direito, 7; medicina, 5; os demais declararam áreas diversas.

Quanto a expectativa dos alunos com referência ao lugar que residirão após a conclusão do ensino básico: 2% não decidiram ainda; 4% não opinaram; 24% disseram que pretendem continuar residindo na mesma cidade e 70% disseram que pretendem morar em outras cidades. Demonstra um desejo de mudarem de vida, de contexto, de localidade onde moram.

3. Sobre a atratividade no ambiente escolar

Quanto à atratividade do ambiente escolar apenas 32% dos alunos citaram motivos diretamente relacionados à aprendizagem, enquanto 68% não. Tal dado indica que o objetivo principal da escola, o processo de ensino e aprendizagem, não



é um fator motivador para o aluno e tem outros elementos mais atrativos no ambiente escolar.

Com relação ao que os motiva ir à escola, 52% mencionaram motivos relacionados a mudar as condições atuais de vida, algo diretamente relacionado às condições financeiras, 42% alegaram ir à escola para estudar, e 6% alegaram outros motivos. Com base nestes dados podemos concluir que as motivações dos alunos da educação básica estão imensamente relacionadas com motivações extrínsecas.

Os alunos nem sempre estudam porque acham bom, mas porque precisam. Sabem que é um meio de mudar de vida, construir uma nova história em que a pobreza tenha menos espaço, em que seja possível muda de cidade, construir uma vida financeira mais confortável.

Com relação ao que os alunos menos gostam na escola, a maioria mencionou motivos relacionados à estrutura física da escola, e com relação ao que mais gostam citaram fatores relacionados aprendizagem, às brincadeiras, intervalo e relações interpessoais. Com relação ao que é menos atrativo nas aulas as respostas mais frequentes estavam relacionadas às disciplinas, ao comportamento dos alunos e a escrever. Com relação àquilo que é mais atrativo, as respostas mais citadas estavam relacionadas às disciplinas, e a desenvoltura dos professores.

Um dos fatores desmotivante da escola é a estrutura física, tais com o banheiro, o telhado. O comportamento ruim dos colegas também é ameaçador principalmente no recreio. Gostam de brincar, se relacionar e até citaram a “Determinação e domínio de conteúdo dos professores.” Como algo que gostam na escola.

Com base na pesquisa realizada e nos dados analisados podemos evidenciar que dentre as motivações extrínsecas, a que mais tem movido os alunos é a que tem como fim melhorar suas condições financeiras de vida, e quando analisamos a opinião deles com relação à estrutura física da escola notamos que pouco se mostra motivadora aos alunos. As motivações externas, conforme Nunes e Silveira (2011, p. 192) não são suficientes ao aluno, pois é preciso que haja um *continuum*, entre motivações externas e internas. E, no contexto escolar é preciso que haja inúmeros motivadores externos, para que conduzam os alunos as motivações intrínsecas, pois são indispensáveis sustentar esse “mover” do aluno em direção ao saber. Contudo, entendemos que o que tem movido nossos alunos ainda



não é suficiente para que alcancem a formação integral prescrita na Lei de Diretrizes e Bases de 20 de novembro de 1996.

Considerações Finais

Com base na análise conteúdo realizada, podemos concluir que são as motivações externas que têm “movido” os estudantes da educação básica, ou seja, o desejo de mudar as condições de vida, ou melhor, as condições financeiras, por intermédio da inserção no mercado de trabalho. Os alunos compreendem a educação como meio de entrar no mercado de trabalho. Percebem elementos que os desestimulam, mas reconhece o esforço dos professores em compartilhar conhecimentos.

A escola é um meio de mudar de vida. Uma oportunidade de crescer, desenvolver e alcançar patamares econômicos e sociais mais elevado. É difícil julgar uma motivação dessas de um grupo de jovens que deixam de ir à escola porque não tem materiais escolares. Como se conformar com tais realidades. A escola precisa ser o motivo para direcionar os jovens a ela todos os dias. Sua estrutura física deve favorecer os processos de ensino e aprendizagem de modo os impulsos para estarem na escola não seja apenas externo.

A educação representa um sonho utilitário neste sentido. Estudar para mudar de vida não pode ser o único atrativo da escola. É necessário ouvir os alunos, organizar a escola de acordo com suas necessidades. E pensar em uma educação de fato motivadora. Vale destacar que não cabe apenas ao professor essa responsabilidade. Motivar aos alunos é papel de toda a escola e sua organização e os sistemas de ensino precisa compreender isso. Pois banheiros, pátios e telhados sucateados não são responsabilidade do professor. Este por sua vez tem o seu papel nesse processo, porém não está apenas na elaboração e desenvolvimento de aulas mais atrativas. Está relacionado a todas condições nas quais os alunos está inserido no contexto escolar.



Agradecimentos

Agradeço a todos que colaboraram direta ou indiretamente com a efetivação desta pesquisa, em especial à professora Luciana Nogueira pelas orientações, e à direção do Colégio Estadual Lavandeira por ter autorizado a coleta de dados na instituição.

Referências

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 14. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação**: fundamentos, métodos e técnicas. Portugal: Porto Editora, 1994.

GIL, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: atlas, 1999.

OLIVEIRA, Dalila Andrade (Org). **Gestão democrática da educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LOURENÇO, Abílio Afonso; PAIVA, Maria Olímpia Almeida De. **A motivação escolar e o processo de aprendizagem**. Ciências e Cognição, 2010. Disponível em:

dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/.../PDF%20%20Geruza%20Barbosa%20da%20Silva.pdf
Acesso em: 10 de agosto de 2018.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento Silveira. **Psicologia da aprendizagem processos, teorias e contextos**. 3º ed. Brasília: Liber Livro, 2011.